



**TRAJETÓRIAS MIGRANTES: JEITOS DE SER E ESTAR
NO MUNDO DE DEMBA SOKHNA**

**MIGRATING PATHS: WAYS TO BE AND BEING
IN THE WORLD OF DEMBA SOKHNA**

Cristine Fortes Lia

Universidade de Caxias do Sul (UCS)

cflia@ucs.br

Franciele de Almeida de Oliveira

Instituto Quindim - Caxias do Sul/RS

faoliveira6@ucs.br

Katani Monteiro

Universidade de Caxias do Sul (UCS)

kmmomtei@ucs.br

Resumo

As dinâmicas de deslocamentos populacionais têm estimulado o debate sobre migrações, considerando a temática imprescindível para a compreensão do século XXI. Além do debate teórico normativo sobre o tema, com a descrição de cenários desfavoráveis para a garantia de direitos humanos aos deslocados, busca-se a identificação das negociações estabelecidas pelas comunidades migrantes por meio de suas experiências sociais. Dessa forma, a trajetória de Demba Sokhna, imigrante senegalês, seus itinerários e vivências pela cidade de Caxias do Sul, no sul do Brasil, no tempo presente, contribui para a compreensão da complexidade dos novos movimentos migratórios. Para Michel de Certeau (2013), o ato de caminhar encontra uma primeira definição como espaço de enunciação - “os jogos dos passos moldam espaços”. Assim, o artigo enfatiza os passos, as vivências de Demba Sokhna, que narra, por meio de entrevistas de história oral gravadas em áudio e vídeo e de filmagens ao vivo de situações cotidianas, aspectos de sua trajetória de vida, de sua cultura e horizontes de expectativas.

Palavras-chave: migrações; trajetórias; história oral; Demba Sokhna

Abstract

The populational displacement dynamics have stimulated the discussion concerning migrations, considering the theme essential for comprehending de XXI century. Beyond the theoretical normative discussion about the matter, with unfavorable scenarios for the guarantee of human rights of the displaced, we seek to identify the negotiations established by the migrated communities through their social experiences. This way, the path of Demba Sokhna, Senegalese immigrant, his itineraries and experiences around the city of Caxias do Sul, on the south of Brazil in the present time, contributes for the comprehension of the complexity of the new migratory movements. According to Michel de Certeau (2013), the act of walking finds a first definition as space of enunciation - “the games of steps shape spaces”. Thus, the article emphasizes the experiences of Demba Sokhna, who narrates, by means of Oral History interviews recorded in audio and video and live taping of daily situations, aspects of his life path, his culture and expectations horizons.

Keywords: migrations; paths; oral history; Demba Sokhna

1- Considerações iniciais

As trajetórias de deslocamento humano se tornaram muito complexas nas últimas décadas. A complexidade dessas novas migrações se caracteriza em “termos de composição, distância e, sobretudo, no que se refere às suas causas e consequências” (ZAPATA, GUEDES, 2017, p. 5). O próprio conceito de imigrante vem sendo redimensionado e considerado insuficiente para expressar toda a dinâmica das atuais mobilidades humanas (ECO, 2020). A ideia de uma migração direcionada ao trabalho, por exemplo, é pouco explicativa diante dos novos desafios para a compreensão das trajetórias percorridas, de suas motivações e das práticas de acolhimento. A mobilidade humana não se define mais por conceitos que identifiquem motivações, permanência territorial ou movimentos constantes.

Hoje, depois de um século XX cheio de imigrantes, encontramos-nos diante de fenômenos incertos. Hoje - em um clima de grande mobilidade - é muito difícil dizer se certos fenômenos são de imigração ou de migração. Há certamente um fluxo inextinguível do sul para o norte (os africanos ou os médio-orientais para a Europa), os indianos invadiram a África e as Ilhas do Pacífico, os chineses estão em todo lugar, os japoneses estão presentes com suas organizações industriais e econômicas, mesmo quando não se deslocam fisicamente de maneira massiva. (ECO, 2020, p, 26)

Em dados da Organização Internacional para as Migrações (OIM) de 2015, os migrantes correspondiam a 3% da humanidade, considerando apenas pessoas que viviam fora de seus países de origem (DURAND, LUSSI, 2015, p. 43). “Deslocar-se significa mais do que ultrapassar uma fronteira, do que se inserir em um novo território. Significa, primordialmente, ser reconhecido como integrante de uma nova dimensão cultural” (LIA, COSTA, 2021, p. 121). Ao mesmo tempo em que eventos de diferentes naturezas, como políticos e ambientais, determinam as necessidades migratórias e o estabelecimento de uma agenda que promova o desenvolvimento de legislações e políticas públicas de acolhimento, recrudescem diversos movimentos de intolerância e práticas de violações de direitos. O discurso sobre os prejuízos econômicos e de segurança promovem a imagem de potencialmente perigosos para os indivíduos deslocados. Essa construção de identidade aliada ao "discurso midiático da imagem de ‘invasão’ tem exacerbado a consciência pública e a percepção negativa do impacto destes movimentos populacionais (*moral panic*)” (ZAPATA, GUEDES, 2017, p. 06), promovendo, entre outros aspectos, a ascensão e reascendimento de políticas de direita.

O Brasil dialoga com o contexto internacional das migrações contemporâneas, correspondendo a um destino atrativo para indivíduos em diferentes motivações de deslocamento e provenientes de diversos continentes. Ainda que, numericamente, receba um número menor de indivíduos em deslocamento que a Europa e os Estados Unidos, vem, nos últimos anos, alinhando seu posicionamento às demais regiões que acolhem comunidades migrantes, aprofundando o discurso nacionalista excludente, culminando com a violação de direitos migratórios e de refúgio.

Entre as cidades brasileiras que recebem significativos fluxos de novos migrantes está Caxias do Sul. Situada na Encosta Superior do Nordeste do Rio Grande do Sul, integra a chamada Região de Colonização Italiana (RCI) em razão de ter recebido, a partir de 1875, significativas levas de imigrantes italianos no processo de povoamento da então Colônia Caxias. Ao mesmo tempo, além dos italianos, as migrações internas de fazendeiros e tropeiros vindos, sobretudo, dos Campos de Cima da Serra, contribuíram para a construção da “marca” da cidade imigratória. Quanto às migrações estrangeiras mais recentes, observa-se, especialmente a partir do início dos anos 2010, a chegada de imigrantes oriundos de outros países. Haitianos, venezuelanos e senegaleses formam o conjunto mais expressivo destes deslocamentos humanos na cidade.

Apesar dessa “marca” migratória na história da região, a imagem cultural da mesma foi consolidada por meio da italianidade, privilegiando a migração histórica. Ao mesmo tempo em que se apresenta como atrativa economicamente e precisa de novas forças de trabalho, assume uma postura divergente a culturas distintas da promovida turisticamente. Dessa forma, a cidade se caracteriza como típica localidade que recebe os atuais migrantes, sendo atrativa, mas carente de políticas públicas efetivas de acolhimento, embora venha se movimentando quanto a isso.

Essa acolhida aos novos migrantes se dá majoritariamente por iniciativas da sociedade civil, como o Centro de Atendimento ao Migrante (CAM), serviço de Responsabilidade Social, mantido pela Associação Educadora São Carlos (AESC)¹, que há 38 anos presta no Município e na região da Serra Gaúcha, atendimento nas áreas de regularização migratória, atendimentos sociais para inclusão e encaminhamento às políticas públicas, empregabilidade e meios de vida, saúde mental e formações e capacitações. Resultado da grande demanda de atendimento aos imigrantes e do trabalho desenvolvido pelo CAM junto ao poder público, foi sancionada a Política Municipal para a população migrante em 2021, encaminhada pela vereadora Denise

¹ Site oficial da entidade: <https://www.aesc.org.br/cam-2/>

Pessoa (PT). A lei 8.748/21² garante o direito e acesso à saúde básica, cultura, esportes e lazer, programas habitacionais, educação, trabalho e moradia aos migrantes de diferentes nacionalidades, em equidade aos nacionais brasileiros. Além desta política pública, a Coordenadoria de Promoção de Igualdade Étnico-Racial inaugurou o Centro de Informações ao Imigrante (CIAI) em 2020, iniciativa da Prefeitura de Caxias do Sul, que atende e presta auxílio aos imigrantes diretamente no centro da cidade. Reconhecendo também o papel fundamental que os imigrantes exercem junto às demais entidades, na luta pela garantia de direitos e acesso às políticas públicas, como é possível observar na trajetória de Demba Sokhna.

Observar as trajetórias de desterritorialização e consolidação de novas territorialidades é vital para a compreensão das mobilidades humanas. Por meio da trajetória de Demba Sokhna é possível observar as novas dinâmicas migratórias globais, assim como compreender historicamente como algumas culturas têm a mobilidade como um modo de vida. Atentando também para o papel importante que os diferentes fluxos e pessoas incidem sobre a cidade, trazendo novas perspectivas e agindo sobre ela, seja na esfera pública ou familiar. A migração senegalesa para Caxias do Sul, assim como os outros deslocamentos recentes, produz uma nova forma de ser, vivenciar e ver os movimentos migrantes da cidade.

Desta forma, propomos acompanhar os movimentos de Demba Sokhna no sentido de que uma trajetória “nos permite avaliar estratégias e ações de atores em diferentes situações e posições sociais, [...] suas redes de relações, como se estruturam, como as acionam, nelas se locomovem ou as abandonam” ao mesmo tempo que, a partir do estudo de uma trajetória individual, possamos ampliar reflexões “sobre padrões e mecanismos sociais mais amplos” (GRYNSZPAN, 1990, p. 74-75).

O estudo foi desenvolvido, sobretudo, por meio da metodologia da história oral. As entrevistas produzidas, gravadas em áudio e vídeo, foram as fontes orais/audiovisuais *cocriadas* na perspectiva da história oral de vida, já que “versam sobre aspectos continuados da experiência de pessoas [...] que revelam, por exemplo, as narrativas pessoais através de impressões, medos, sentimentos, sonhos” (MEIHY, RIBEIRO, 2011, p. 84), mas também abarcam marcas da história oral temática, já que o tema da migração é central na construção dessas trajetórias. Ao privilegiar essas experiências migrantes, é possível que possam ser pensadas como representativas das

² Texto disponível no Diário Oficial da Câmara de Vereadores de Caxias do Sul em: <http://hamurabi.camaracaxias.rs.gov.br/Hamurabi-faces/externo/exibicao.jsf?leild=29096&from=resultados>

histórias de “outros indivíduos, permeadas por projetos, desejos, expectativas, emoções, sonhos e frustrações” (SANTHIAGO, MAGALHÃES, 2015, p. 14).

A trajetória de Demba em Caxias do Sul é povoada por uma série de iniciativas na área cultural e acadêmica que levam à reflexão sobre a ação dos fluxos migratórios recentes na cidade e, neste caso, a construção da figura pública. O *África Fashion*, evento de moda e cultura afro e africana, promovido e idealizado por Demba Sokhna e Neisa Santos, demonstra a ação no debate público sobre a presença negra e migrante na cidade e nas construções históricas. Tais iniciativas podem ser analisadas como uma atitude historiadora (MAUAD, 2018) e um posicionamento perante o contexto analisado por Demba e sua percepção entre o passado e seus usos no presente. Para Mauad (2018, p. 228), a atitude historiadora é “a tomada de posse do passado como material para dar sentido ao presente e situar-se no fluxo no tempo futuro”.

Assim, a trajetória de Demba Sokhna, com suas iniciativas de integração cultural na cidade de Caxias do Sul, apresenta uma experiência migrante pela garantia de direitos das comunidades humanas em deslocamento. Os movimentos de Demba pela localidade, acompanhados por este estudo, mobilizam respeito cultural e religioso³, bem como, empoderam grupos migrantes em sua relação social.

2- Os movimentos iniciais de Demba Sokhna na cidade

Este sujeito que parte é um sujeito partido, segmentado, não é uma unidade, uma totalidade. Assim como a sua vida é errante e diferentes aberta, ele, enquanto sujeito, é também um sujeito aberto, atravessado por fluxos sociais. Ele não consegue totalizar as experiências que passam por ele mesmo, que o atravessam. Ele é um entroncamento em que diferentes estradas, diferentes séries históricas, vêm encontrar-se e, ao mesmo tempo, vêm separar-se. Ele não é só ponto de partida, nem só ponto de chegada, ele é travessia, transversalidade”.
(ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2019, p. 282-283)

A produção de entrevistas de história oral gravadas em áudio e vídeo e de filmagens ao vivo de situações cotidianas com foco nas trajetórias e itinerários de migrantes senegaleses, neste caso de Demba Sokhna, tem o intuito de oferecer elementos de reflexão acerca das diferentes

³ Os migrantes senegaleses que se estabeleceram em Caxias do Sul são muçulmanos. O Islã professado no Senegal tem características específicas das práticas da África Central e, em função disso, muitas vezes não é reconhecido como tal por comunidades muçulmanas tradicionais, o que impede, eventualmente, a consolidação de laços culturais com outros grupos migrantes (LIA, COSTA, 2021). A fé muçulmana demanda a utilização de espaços públicos (como exemplo tem-se o uso dos trajes islâmicos e a realização das orações) e a garantia do acolhimento nesses ambientes e do direito às manifestações religiosas é prerrogativa dos direitos humanos.

formas de viver, ser e estar no mundo; demonstrar que uma das funções da História “é o aprendizado de que aquilo que somos é apenas uma forma de ser entre muitas” e que a História nos ensina a “desnaturalizar, a ter um olhar perspectivo e a atentar para as diferenças, relativizando nossos valores e pontos de vista” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2012, p. 31).

Uma primeira entrevista com Demba foi realizada em 2018⁴, e teve como lugar seu espaço de trabalho, uma loja alugada no centro da cidade de Caxias do Sul, espaço dividido entre a venda de produtos senegaleses e um salão para corte de cabelo. Esta entrevista e filmagens feitas ao vivo a partir de um percurso pela cidade sugerido pelo próprio entrevistado gerou o vídeo “Demba Sokhna, um ‘outro’ passante no circuito da cidade”, disponibilizado na plataforma YouTube⁵ com o intuito de divulgar para um público mais amplo aspectos da história, da cultura e das migrações no tempo presente. Nesta entrevista destacam-se as construções narrativas de Demba sobre seus movimentos e sentimentos iniciais ao ato de migrar.

Demba chegou ao Brasil em 2013, vindo de Dakar, aos 24 anos de idade, influenciado pela propaganda, que se espalhou pelo mundo, “que a gente viu na Tv” sobre o país no contexto da Copa do Mundo de 2014 que, segundo ele, dizia que “quem trabalhava no Brasil, na indústria, poderia ganhar mil/mil e duzentos dólares por mês, o que equivaleria a quatro mil reais por mês, trabalhando na indústria”. Conta que seus 8 irmãos estão espalhados pelo mundo, na Europa e Estados Unidos. Formou-se bacharel em Letras e Ciências Humanas com especialização em Línguas Estrangeiras Aplicadas (francês, inglês e russo) e chegou a dar aulas particulares de inglês em várias escolas no Senegal. Entretanto, diz que “o rendimento que se ganha lá, [como professor], é bem pouco, então, daqui a pouco, desanima de uma forma geral. O cara vai querer buscar outra coisa melhor”.

A percepção de Demba sobre as condições econômicas da África, sobretudo do Senegal, onde “o PIB é muito baixo” e as dificuldades que encontrou em “não se encaixar no mercado local” mesmo tendo estudado e se formado, o levou a projetar a migração como “um plano que a gente tem em conhecer várias cidades, conhecer outras culturas. [...] sair da África pra buscar uma oportunidade fora e, até um certo tempo, voltar pro Senegal e fazer outras coisas”.

No Brasil, Caxias do Sul foi a cidade que Demba escolheu como novo destino para realizar seus projetos. Por que Caxias?

4 SOKHNA, Demba. Entrevista concedida a Katani Monteiro. Caxias do Sul. Jul/2018.

5 <https://www.youtube.com/watch?v=KesmC4EbXdQ>

Um polo industrial. O imigrante, quando ele vai num país, ele vai onde tem as empresas. Ele vai num lugar onde tem concentração das empresas para logo, logo ter um trabalho e se sustentar. Antes de Caxias era Passo Fundo [cidade próxima a Caxias] que tinha uma concentração de senegaleses, aí depois que as empresas caxienses estavam indo para Passo Fundo pegar as pessoas, eles falaram pra mim ‘nem precisa ir pra Passo Fundo, vai pra Caxias que lá tão pegando’. E era verdade porque eu caminhava na rua e os carros paravam e perguntavam ‘quer trabalhar?’. Aí tu fala sim eles te levam na empresa pra ver se tu consegue, se tu gosta.

Demba seguiu o padrão, conseguiu uma vaga de trabalho em uma grande empresa de Caxias do Sul no setor de montagem em setembro, cerca de dois meses depois de sua chegada na cidade. Entretanto, o salário, ao contrário do que a “propaganda” garantia, não era suficiente para o sustento. Seu cotidiano passou a se alternar entre o trabalho na empresa “e um pouco de comércio”, já que, assim como vários migrantes, encontrou uma alternativa de ganhos extras com a venda de produtos vindos de São Paulo nas ruas centrais da cidade. Ele conta que foi “se ajeitando pra poder se equilibrar financeiramente”, afinal, diz: “eu tenho uma família que eu tenho que ajudar a sustentar no Senegal, que precisa do meu apoio. Então eu tenho que me sacrificar um pouco, e fazer esse trabalho”.

A formação superior de Demba em línguas estrangeiras, em certo momento, como relatou na entrevista, levou a empresa na qual estava trabalhando a se interessar por seu conhecimento e colocá-lo no setor de vendas. Mas, conforme lembrou, “não deu certo porque “bateu aquela crise lá em 2014, a empresa estava em queda” e ele acabou saindo, afinal, a pressão familiar era grande e não poderia ficar esperando uma recuperação da empresa para “me colocarem no lugar certo”.

Uma habilidade que o acompanhava desde a adolescência culminou na sua fonte de renda nos anos seguintes, conforme relatou:

Cada domingo eu cortava o cabelo dos meus amigos. Desde os doze, treze anos, cortava cabelo, mexia com cabelo dos meus amigos, cortava meu próprio cabelo. Chegou um momento que no domingo ficavam vinte, trinta pessoas [esperando]. Aí eu percebi que poderia ser alguma coisa, se eu valorizasse esse dom. Eu fui atrás do meu sonho e hoje eu tô me sustentando através deste trabalho e com as vendas que a gente faz com roupas africanas, tecidos, panos.

Concomitante ao trabalho com a loja/salão, Demba começou a dar aulas particulares de línguas, especialmente de francês. Este novo espaço de trabalho na região central da cidade aglutinou diversas trocas, possibilitando a Demba ampliar sua rede de relações com a constante e cotidiana presença de pessoas, migrantes africanos de diversas origens, migrantes haitianos,

peessoas ligadas ao movimento negro local, intelectuais do campo da História, da Antropologia, professores da educação básica da cidade que iam em busca dos conhecimentos de Demba: as habilidades no campo da estética, os saberes relacionados à sua história, à cultura de sua comunidade para contribuir com a visibilidade pública destas experiências. O fato de Demba ter adquirido com certa fluência o domínio da língua portuguesa, facilitou de forma significativa estes contatos. Muitos projetos começaram a se desenhar a partir daí, como será tratado na próxima seção.

Ainda em relação a esses momentos iniciais de seu deslocamento, é possível perceber o que significou, para ele, deixar seu país, sua gente para enfrentar o desafio de uma nova vida.

Figura 1. Demba Sokhna se prepara para o ritual de oração na praça Dante Alighieri⁶



Fonte: Acervo pessoal de Katani Monteiro (2018)

Quando lhe foi perguntado sobre os sentimentos que o acometeram no momento de embarcar para o Brasil, Demba lembra:

Quando o avião saiu do Senegal, tem dois sentimentos que tu tem: primeiro, tu vai sentir que assim, ‘será que eu sou incapaz de desenvolver uma coisa

⁶ O vídeo “Demba Sokhna, um ‘outro’ passante no circuito da cidade”, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=KesmC4EbXdQ>, registra esta prática.

trabalhando no meu país, conseguir as minhas coisas que eu quero, ser rico no meu país? Será que eu realmente preciso pegar um avião e ir pra terra da outra pessoa, outras culturas, pra conseguir isso aí? Depois de tanto estudar, não consigo me encaixar, sabe, então é uma cobrança que tu tem dentro de ti. Um cara que viaja se encarrega de ser incapaz dentro de si mesmo.

O outro sentimento manifestado por Demba refere-se a uma cobrança vinda de fora, dos outros, dos parentes e vizinhos que também passaram por essa situação, “foram pra Europa, Estados Unidos ou pra onde que for; conseguiram trabalhar, conseguiram se manter, voltaram com projetos, com planos de vida, e deu sucesso”.

Na cultura senegalesa o deslocamento constitui-se como um modo de vida a enfrentar as dificuldades econômicas que o país possui e uma estratégia de manutenção do grupo familiar que permanece no país, tendo em parte sua renda advinda das imigrações. Esse processo também implica muitas vezes num auxílio e investimento da família neste membro, envolvendo uma série de negociações e expectativas no seu sucesso no exterior. (OLIVEIRA, 2019).

3- Demba Sokhna, uma figura pública

Em diversas ações, Demba é citado em agradecimentos de teses e dissertações, premiações e com projetos aprovados em Leis de Incentivo locais. Sua atitude historiadora tensiona um passado de escravização e desvalorização dos povos negros no Brasil, trazendo seu olhar como produtor cultural e pesquisador senegalês, movimentando as discussões sobre os fluxos migratórios para o Brasil e Caxias do Sul e a história que conhecemos sobre a África. Em sua participação no projeto Movi, saberes e fazeres migrantes⁷, na oficina “África, migração e diáspora”, Demba Sokhna abordou as visões históricas sobre a África, os processos imigratórios e a diáspora no continente, discutindo, também, o processo de descolonização. No conteúdo disponibilizado no YouTube⁸, Demba trouxe vários pontos do debate decolonial, como o olhar para a África sob a perspectiva europeia de um continente que só é falado por meio da escravidão. Quando tratado na antiguidade, apenas o Egito aparece como civilização, não abordando as

7 Movi é um projeto que visa ao diálogo de diferentes comunidades, coletivos e grupos migrantes com foco em suas trajetórias, histórias e contribuições para a região, com enfoque nos movimentos migratórios que constituíram e fazem parte da história da cidade.

8 ÁFRICA, imigração e diáspora com Demba Sokhna. Produção do projeto Movi. Caxias do Sul: CERAVI, 2020. 1 fita de vídeo (1:46:36), VHS, son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8B8IGSeVaw4>. Acesso em: 24 jul. 2022.

demais do período. O próprio Egito é, muitas vezes, pensado como fora da África e sofreu com um embranquecimento da sua história. Cheikh Anta Diop, ao defender, nos anos 1950, a ideia de um Egito Negro, teve sua tese de doutorado rejeitada na França. A tese defendida por Diop propõe que o continente africano possui uma identidade comum, tendo como objeto de análise a linguística e as migrações.

Depois da antiguidade, para Sokhna, a África volta a ser retratada com um continente pobre e sob dominação europeia; eis que os próprios africanos desconhecem sua história em função do genocídio intelectual que a comunidade negra sofreu durante a colonização. Os filmes e os produtos culturais divulgaram, durante muito tempo, uma África pobre ou comumente associada à savana, ignorando as organizações políticas e históricas das diversas sociedades, assim como o conhecimento destas. Sokhna destacou, também, a alienação cultural afrodescendente brasileira em relação ao seu passado, em função da “histórica única” divulgada sobre os seus antepassados, como portadores de uma não-história e escravidão. Como africano no Brasil, percebe como institucionalmente o negro é colocado nos lugares mais baixos da sociedade. Para ele, há uma conotação ruim de ser negro, muito abafada pelo uso de outros termos para autodeclarar-se, como “mulato”, “moreno”, evitando o termo negro.

Trabalhando por anos no ramo estético, Demba percebe que faz diferença na vida de outras pessoas pela valorização da estética afro, auxiliando na auto-estima das pessoas negras em relação ao seu cabelo. A loja alugada no centro da cidade era dividida entre a venda de artigos senegaleses, como roupas, bijuterias e tecidos e o salão de beleza. O local onde Demba e Fatou⁹ trabalham funcionava como um ponto cultural. O lugar era frequentado por migrantes já estabelecidos e os recém-chegados - não só senegaleses, mas também haitianos, por exemplo -, pela comunidade negra local e por pesquisadores¹⁰ que veem nos irmãos uma referência. Com isso, o

9 Fatou Sokhna chegou a Caxias do Sul há mais de 10 anos, é casada e mãe de dois meninos. Durante sua infância, cresceu com seus pais e mais dois irmãos, seu pai era arquiteto e sua mãe era dona do lar. Para completar o que seria equivalente com o ensino médio brasileiro, teve que ir morar na casa de sua prima, que também costuma chamar de irmã. Neste período fez cursos na área administrativa, trabalhou em uma empresa de alimentos e se casou. Sua imigração foi motivada pela vinda do marido em busca de trabalho. Vindo para o Brasil teve que mudar de profissão em função da dificuldade de inserção no mercado de trabalho, optando por fazer cursos de padaria e confeitaria. Atuou nesta área durante 5 anos, mas logo seguiu para o ramo da estética fazendo tranças afro que aprendeu no Senegal. Junto com seu irmão mais novo, Demba, em 2018 abriram o salão e loja Demba Afrika: boutique&acessórios, fechado durante a pandemia em 2021. Fatou segue residindo em Caxias do Sul e atuando com tranças, mas em outra localização. Além disso, atua em projetos culturais com seu irmão Demba.

10 Entre eles, Juliana Rossa. ROSSA, Juliana. **Cantos religiosos de senegaleses murides**: escrita, leitura, poética vocal e performance / Juliana Rossa. - 2018. 173, [10] f. ; 30 cm Tese (Doutorado) - Universidade de Caxias do Sul em associação ampla UniRitter, Programa de Pós-Graduação em Letras, 2018.

salão tornou-se um ambiente de troca, intercâmbio de diversas culturas e espaço para diálogos e projetos acadêmicos.

Na área do audiovisual, Demba idealizou e lançou em 2020 o curta-metragem “Demba África”, que tem parte do desenrolar da narrativa no salão dos irmãos Sokhna. O curta, dirigido por Marcelo da Rosa Costa, aborda memórias coletivas da imigração de forma ficcionalizada, publicizando narrativas da migração em um produto cultural. O curta foi premiado como melhor documentário regional no Festival CineSerra em 2021, mostrando não somente a relevância da narrativa, mas também a qualidade técnica de sua produção. Sob a mesma direção, produziu em 2021 o curta “Batente” que direciona seu olhar para o trabalho de imigrantes africanos e haitianos da cidade, abordando também sobre identidade, cultura e as relações estabelecidas com Caxias do Sul. O documentário foi parte da Mostra Paralela do Festival Taguatinga de Cinema exibido no Teatro SESC Paulo Autran em Brasília.

Neste lugar de troca, podemos citar a série documental *O olhar impercebido: crônicas da imigração*¹¹, que traz relatos de alguns migrantes da cidade, realizada com recursos da Lei de Emergência Cultural Aldir Blanc, em 2021, dirigida por Marcelo da Rosa Costa. Esse documentário, assim como o documentário *Demba África*, tem em sua equipe de concepção e produção, senegaleses, mas não se restringe apenas a eles. Para Júlio (2021), imigrante moçambicano, o processo migratório expressa os laços que unem as oito pessoas que integram a série:

A minha visão sobre os imigrantes aqui no Brasil é... tô achando uma coisa incrível, sobre a nossa união que é uma coisa que é tão fantástica assim, as pessoas se uniram de maneira tão boa assim que um apoia o outro. A gente vem de diferentes países, tem muitos imigrantes aqui no Brasil. Existem ganeses, senegaleses, existem pessoas do Haiti também, existem pessoas do Congo, há muitas nacionalidades aqui no Brasil, mas essa cultura toda tem uma conexão muito forte que parece que vem do mesmo lugar, assim que vêm do mesmo país. As pessoas acham que eles são irmãos mesmo né, enquanto a gente se conhece aqui¹².

São haitianos, senegaleses e moçambicanos que, por meio dos seus fazeres cotidianos, expressam sua cultura, sua religião, seu cotidiano, a relação com Caxias do Sul e os laços de uma

11 O OLHAR Impercebido: crônicas da imigração. Dirigido por Marcelo da Rosa Costa. Caxias do Sul, 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCwMEgi4PrxGU0WXwT5eQaRw>. Acesso em: 27 jun. 2022.

12 Trecho do audiovisual o *Olhar Impercebido* disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OVYFcezZreI>.

história marcada pela resistência ao colonizador. A narrativa coloca diferentes personagens das migrações contemporâneas dialogando com esse processo e com a cultura brasileira, que tem na sua formação cultural heranças africanas e negras. Para o diretor da série, Marcelo da Rosa Costa (2021):

De certa forma, trata-se de compartilhar publicamente um processo que já vem ocorrendo espontaneamente durante a colaboração com a comunidade de imigrantes. Acreditamos que estes depoimentos compõem um importante registro para compreensão de um processo histórico contemporâneo e global.

Produzir, participar e levar a diferentes públicos essa história é uma forma de resistência e reivindicação do seu espaço de fala, o qual, muitas vezes, é diminuído. Em um movimento da comunidade migrante e negra de Caxias do Sul para o público externo, foram produzidos eventos culturais que dialogam com moda, música e gastronomia. A vestimenta ocupa um lugar tão significativo na história da comunidade senegalesa migrante, que, por meio de Demba Sokhna, foi criado o festival de moda e cultura afro intitulado *África Fashion e Diversidade*. Esse festival busca apresentar um novo olhar para a história e a cultura africana no Brasil e no Rio Grande do Sul, por meio da indumentária, conforme figuras 2 e 3:

Figura 2 – 3ª edição do *África Fashion e Diversidade*: desfile de moda



Fonte: Acervo pessoal de Franciele de Almeida de Oliveira

Figura 3 - 3ª edição do África Fashion e Diversidade: guerreiros



Fonte: Acervo pessoal de Franciele de Almeida de Oliveira

A 1ª edição do Festival foi realizada em 2017, na Galeria Atrium, tendo um público de aproximadamente 200 pessoas. Idealizada por Sokhna e Neisa dos Santos Alves¹³, ambos engajados com as questões da negritude, da cultura e valorização afro. A 2ª edição aconteceu em 2018, no Teatro Parenti, com público estimado de 450 pessoas. No festival, trabalhou-se o desfile de moda africana, debates culturais, dança e música senegalesa e ganesa. Os tecidos das peças do desfile são trazidos do Senegal, por intermédio de imigrantes em deslocamento, e as peças são produzidas em Caxias do Sul. Os modelos que desfilaram são brasileiros(as) e senegaleses, residentes na cidade. Na 3ª edição, em 15 de agosto de 2021, o evento foi contemplado no edital “Diversidade e Formação cultural” da Fundação Marcopolo, com recursos da Lei Aldir Blanc. A estimativa de público foi de 1.500 pessoas e com mais de 30 profissionais envolvidos nos dois dias de atividades, que contaram com festival e *live*.

A figura abaixo mostra um ensaio para o festival.

¹³Neisa dos Santos Alves é contadora e ativista do movimento negro em Caxias do Sul. Juntamente com Demba, idealizou o África Fashion e Diversidade e coordenaram o concurso Beleza Negra em 2019. Além de sua relação de trabalho, são amigos e atuam juntos como ativistas.

Figura 4 – Ensaio do Festival África Fashion e Diversidade, no Teatro Pedro Parenti



Fonte: Acervo pessoal de Franciele de Almeida de Oliveira

O festival foi realizado presencialmente, no Teatro Pedro Parenti, em Caxias do Sul, com entrada gratuita, e foi transmitido ao vivo, tendo desfile de moda, slam poético e apresentação do grupo musical Sabar África¹⁴. Presencialmente, os lugares foram reservados em função das restrições de público em decorrência da pandemia da covid-19. A *live* ocorreu após a realização do festival, tendo como temática “O poder da arte na reconciliação racial”, com os convidados Irlanda Gomes, Felipe Silva Alves, Mestre Diógenes Brasil e Eliege Moura.

O *África Fashion* é diferente das ações promovidas por brasileiros e pesquisadores, pois é um movimento que parte da comunidade para o público externo, uma vez que é a comunidade produzindo representações de si, de manifestos a ocupar os espaços públicos, falando sobre sua história e representando sua cultura. Por meio da vestimenta, a comunidade imigrante – em conjunto com os afrodescendentes – busca um lugar-comum em processos históricos comuns de sujeitos que vivem em uma sociedade estruturalmente racista e colonialista. Atrela, assim, a valorização da estética negra e africana como um uso do passado no presente, bem como atua em uma prospecção de um futuro crítico em relação à cultura e à estética negra na região de Caxias do Sul e no Estado do Rio Grande do Sul.

Todas as peças da 3ª edição foram confeccionadas, desde a modelagem, por Saibatou

14 Grupo musical composto em sua maioria por senegaleses e ganeses que trazem diferentes ritmos africanos por meio da música instrumental autoral e cover. O grupo foi criado em 2016 na cidade de Caxias do Sul.

Sakho¹⁵, imigrante senegalês. Em sua grande parte, os tecidos eram africanos, com exceção da chita, numa proposição de unir Brasil e África. O festival não apenas busca ressignificar a memória afro na região, mas usa o passado em comum para comunicar-se e estabelecer relações com outros grupos, como os haitianos.

Durante a 3ª edição do Festival, Mossanto Charles, imigrante haitiano, trouxe a poesia Mãe África¹⁶:

Mãe África/Minha mãe África/A rainha do mundo/A deusa da guerra/Mãe África/África minha África/A África que canta minha avó/A beira do teu rio distante/Eu nunca te conheci, mas o meu olhar é pleno do teu sangue, teu belo sangue negro/Através do campo difundido, o sangue do teu suor, o suor do teu trabalho, o trabalho da escravidão/Escravidão de tuas crianças/Então África, diga-me/Portanto essa dor, que se curva, que se deita sob o peso da humilhação/Essa sua dor hesitante, as listras vermelhas que dizem sim aos chicotes/No caminho dos meus dias, gravemente uma voz me respondeu: Filhos impetuosos. Essa árvore, robusta e jovem/A minha África/A tua África/Que renasce pacientemente/Obstinadamente/E, cujos frutos, têm pouco a pouco, o amargo sabor da liberdade/Eu te amo mãe África.

A poesia destaca a memória recente e muito presente do processo de escravização dos povos africanos na América, a política racista e violenta desse período. Busca, nesse lugar de origem comum, a sua ancestralidade na Mãe África, que renasce, pacientemente, após séculos de invasão e usurpação de suas narrativas. Hoje, os países Sul-Globais buscam retomar seu lugar na produção do discurso e não mais estar apenas no lugar de incivilizados, em papéis secundários ou sempre associados à escravização (ARAÚJO; SANTOS, 2020).

No Festival e nas produções audiovisuais uma figura importante é a irmã de Demba, Fatou Sokhna que reside em Caxias do Sul a 10 anos. Motivada pela vinda do seu marido a cidade, Fatou inicia sua trajetória laboral como padeira e confeitadeira e após alguns anos passa a trabalhar fazendo tranças afro no salão com seu irmão. A prática com as tranças foram saberes que aprendeu e praticou durante toda a sua trajetória no Senegal e que marca parte da identidade dos imigrantes senegaleses, assim como no Brasil. Fatou é irmã mais velha de Demba. Ela lembra de suas vivências e cuidado com o irmão na infância:

Eu cuidava também dos meus irmãos, do Demba e de outro irmão mais pequenininhos, eu fiquei sempre muito esperta com meus irmãos, eu queria

15 Fundador da marca Life Urban, residente em Caxias do Sul desde 2015.

16 ÁFRICA Fashion e Diversidade: África Fashion e Diversidade | Documentário (2021). (18:32). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=e39z01L6W9k&t=62s>. Acesso em: 24 jul. 2022. Trecho do documentário: 00:38 até 2:27

sempre ajudar ele. Ajudar também minha mãe a fazer as coisas, tu sabe lá no Senegal a gente começa muito cedo aprender a vida, porque eu comecei a cozinhar com 9 anos, que eu comecei a cozinhar, o primeiro prato que eu fiz eu me lembro. Depois é assim, eu mudei a uma cidade, deixei meus pais pra outra cidade, saí pra terminar meus estudos né, na casa da minha irmã, minha irmã é prima, a gente chama irmã também, é eu fiquei lá quase 5 6 anos né, terminei meu segundo grau completo, eu me casei lá também, depois, depois disso eu vim aqui no Brasil.¹⁷

Diferente dos homens, as senegalesas se deslocam em função da migração do marido e depois vêm os filhos. Em função das questões culturais e da língua, são mais difíceis de estarem em espaços públicos e serem acessadas, mas junto ao irmão, Fatou Sokhna atuou no documentário “Demba África”, bem como participou do audiovisual “Batente”, da pesquisa “As senegalesas: A trajetória de mulheres muçulmanas em Caxias do Sul” e como trancista e maquiadora no *África Fashion* e diversidade. Muitas histórias foram contadas no salão onde os dois irmãos trabalhavam, muitos produtos culturais e pesquisas nasceram ali.

Importante registrar a vinculação destas experiências com a História Pública, campo que vem derrubando fronteiras e trazendo para a história múltiplas vozes (ROVAI, 2020), produzindo um conhecimento sensível e empático. Para Rovai (2020, p. 1), o campo vem para “chamar à reflexão todos aqueles e aquelas que pretendam desencastelar-se de seu espaço de produção de conhecimento e ensino e que se abram ao diálogo com o público, além de arriscar-se ao uso mais persistente das novas tecnologias de comunicação”.

Essa área busca estar atenta às demandas e dialogar com o público na construção, acesso e circulação de saberes, sem perder o rigor científico e sem exotização. Não significa a mera tradução do conhecimento para outros setores da sociedade, mas estar atento às demandas dos grupos sociais, ouvir e construir, juntos, um lugar para aprender e refletir, transcribando e articulando estratégias para comunicar o conhecimento científico em outras linguagens que façam sentido aos seus contextos. De acordo com Rovai (2020, p. 191):

Coloca-se ao historiador público o desafio de entender a dinâmica de reivindicação pela identidade de comunidades, que querem se deixar conhecer e reconhecer, mas que também pretendem escolher as formas para isso. Produzir com elas certa esperança em torno da necessidade de salvar algo que está em perigo de desaparecimento, de esquecimento, em meio a disputas de versões históricas. Trabalhar com a tensão entre as comunidades e uma história hegemônica e nacional, trazendo novas discussões sobre produtores, consumidores, audiências e autoria em projetos comunitários; e claro, um

17 SOKHNA, Fatou. Entrevista concedida a Franciele de Almeida de Oliveira. Caxias do Sul. Out/ 2019.

aspecto fundamental, sobre as relações entre a História Pública e as políticas públicas.

Atualmente (2022), Fatou Sokhna reside na cidade de Caxias e atua em sua casa como trançista. Já Demba vive na Inglaterra em Birmingham, se deslocando em função de novas oportunidades profissionais, migrando em 2021. No Brasil, nos últimos meses de 2020 foram batidos os recordes de desemprego, fechando o ano com a pior média dos últimos 30 anos, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (Pnad) (BRASIL, 2021) covid19, os mais afetados pelo desemprego em 2020 foram as mulheres, os negros e os jovens. No caso da imigração senegalesa, as atividades laborais em Caxias do Sul, entre 2010 e 2014, eram acompanhadas de precariedade, baixos salários e informalidade (HERÉDIA; PANDOLFI, 2015). O quadro econômico da comunidade na cidade tenha se agravado com a pandemia. Para Demba Sokhna (2021),

Se o próprio pessoal daqui tão com dificuldade em algumas coisas, imagina nós que viemos para oportunidade. Então a gente nota que houve muita queda na venda, na compra das coisas também.... No trabalho, sabe, todo mundo tá trabalhando no máximo, mais ou menos trinta por cento do que a gente trabalhava antes [...] a gente sente também que a pandemia teve um impacto muito grande no nosso trabalho, no nosso dia a dia. Porque todo mundo sabe que a população migratória manda dinheiro para seus parentes.¹⁸

A pandemia veio agravar a situação econômica do país que vem desde 2016 sofrendo com recessos e as populações imigrantes foram impactadas com esse processo. Em estudos realizados junto à comunidade, é recorrente a afirmação de que o Brasil frustrou as expectativas financeiras. A imigração senegalesa passa por um outro momento de novos deslocamentos para os países do Norte, mulheres que permanecem na cidade e crianças brasileiras com ascendência senegalesa, como é o caso da filha de Demba Sokhna e de seus sobrinhos.

Mesmo Demba residindo na Inglaterra, é parte integrante da programação da Feira do Livro de Caxias do Sul de 2022 como palestrante da atividade sobre “Literatura e História Africana”, da produção da exposição “Ver o outro: As famílias senegalesas muçulmanas em Caxias do Sul” e as produções audiovisuais continuam disponíveis nas redes sociais. Seu legado é de um migrante que atuou e movimentou a cidade para além do trabalho, atuando em setores como a política e a representatividade da arte e cultura senegalesa, conforme imagem a seguir.

18 SOKHNA, Demba. Entrevista online concedida a Franciele de Almeida de Oliveira. Caxias do Sul. Ago/ 2021.

Figura 5 - Demba Sokhna e Ousmane Mathurin com a ex-presidenta do Brasil, Dilma Rousseff



Fonte: Facebook (2022)¹⁹

Em 2016, a ex-presidenta do Brasil, Dilma Rousseff veio a Caxias do Sul para a entrega de 320 unidades habitacionais do programa “Minha casa, minha vida”. Na solenidade, Demba e o artista plástico Ousmane Mathurin a presentearam com ilustrações do artista. Isso também evidencia a importância das ações e trajetória do migrante, que representou a cidade e levou a cultura africana ao mais alto cargo do executivo brasileiro.

4 Considerações finais

Ao privilegiarmos as experiências de vida narradas por migrantes, no caso deste artigo, a partir de uma trajetória individual, a do migrante senegalês Demba Sokhna, buscamos oportunizar reflexões sobre a diversidade como possibilidade de uma sensibilização histórica para a empatia a partir da leitura dos passos e apropriações destes habitantes da cidade por meio de entrevistas de história oral e vários objetos culturais derivados desses encontros. Os vídeos, documentários, debates públicos produzidos *com* e *para* o público estão disponíveis em diversas plataformas acessíveis a uma audiência mais ampla que não a exclusivamente acadêmica.

Trabalhar junto a pessoas da comunidade que se pesquisa requer tempo, recuos, mudanças e reflexões sobre a importância do próprio fazer. A trajetória e os projetos de história pública e oral conduziram o trabalho desenvolvido, por meio desse espaço de diálogo que a

¹⁹ Disponível no perfil: <https://www.facebook.com/demba.sokhna.3>

metodologia possibilita. Há muitas coisas que passam despercebidas ao pesquisador, mas que, ao atuar junto, percebe a necessidade de continuar tocando em temas sensíveis e fugir da exotização.

Da mesma forma, os estudos sobre mobilidade precisam transcender as análises sobre marcos regulatórios desses processos e ocupar-se das trajetórias humanas que evidenciam as sociedades em movimento. Compreendendo que migrar é movimentar-se, é a partir desta ação que a presença migrante pode e deve ser percebida. O caráter multidimensional da migração senegalesa a Caxias do Sul pode ser investigado por meio da ampliação do espaço migratório na cidade através de trajetórias como a de Demba Sokhna, acompanhada neste estudo.

Assim, o entendimento do “ato de migrar rompe a relação entre agência (decisões individuais) e estruturas (políticas migratórias e instituições envolvidas no processo migratório)” (ZAPATA, GUEDES, 2017, p. 06). O protagonismo dos migrantes permite a identificação da experiência de manifestações culturais, de ocupações dos espaços públicos e de manutenção de identidades. Neste processo de visibilidade constitui-se, também, a potencialização da atuação dos mesmos na garantia e ampliação de direitos. Movimentar-se é também uma forma de criar impacto positivo na sociedade é evidência para a garantia de proteção à dignidade das comunidades migrantes.

Referências

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. *História: a arte de inventar o passado (ensaios de teoria da história)*. Curitiba: Editora Prismas, 2019.

ALBUQUERQUE JÚNIOR. Fazer defeitos nas memórias: para que servem o ensino e a escrita da história? In: GONÇALVES, Márcia de Almeida [et al.], organizadores. *Qual o valor da história hoje?* Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano : 1. Artes de fazer*. 20. Ed. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ : Vozes, 2013.

DURAND, Jorge; LUSSI, Carmem. *Metodologia e teorias no estudo das migrações*. Jundiaí: Paco Editorial, 2015.

ECO, Umberto. *Migração e intolerância*. Rio de Janeiro: Record, 2020.

GRYNSZPAN, Mario. Os idiomas da patronagem: um estudo da trajetória de Tenório Cavalcanti. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, n.14, out., 1990.

HERÉDIA, Vania Beatriz Merlotti; PANDOLFI, Bruna (org.). *Migrações internacionais*. Caxias do Sul: Belas Letras, 2015.

LIA, Cristine Fortes; COSTA, Jéssica Pereira da. O Islã em movimento: comunidades muçulmanas na Serra Gaúcha. *Revista Brasileira de História das Religiões*. Ano XIV, n. 41, setembro/dezembro de 2021.

MAUAD, Ana Maria. [Posfácio]. O carnaval da história pública. In: ALMEIDA, Juniele Rabêlo; MENESES, Sônia (org.). *História Pública em debate: patrimônio, educação e mediações do passado*. São Paulo: Letra e Voz, 2018. p.227-235.

MEIHY, José Carlos Sebe B; RIBEIRO, Suzana L. Salgado. *Guia prático de história oral: para empresas, universidades, comunidades, famílias*. São Paulo: Editora Contexto, 2011.

OLIVEIRA, Franciele de Almeida de. *As senegalesas: a trajetória de mulheres africanas na Serra Gaúcha*. 2019. 60 f. TCC (Graduação) – Curso de História, Área do Conhecimento de Humanidades, Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ucs.br/xmlui/handle/11338/8721>. Acesso em: 14 jun. 2022.

ROVAI, Marta Gouvai de Oliveira. Publicizar sem simplificar: o historiador como mediador ético. In: ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; MENESES, Sônia (org.). *História Pública em debate: patrimônio, educação e mediações do passado*. São Paulo: Letra e Voz, 2018.

SANTHIAGO, Ricardo; MAGALHÃES, Valéria Barbosa de. *História oral na sala de aula*. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

Sobre as autoras:

Cristine Fortes Lia: Doutora em História. Professora do Curso de História, do Programa de Pós-Graduação em História e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Caxias do Sul. Editora da Revista Méteis – UCS.

Franciele de Almeida de Oliveira: Mestre em História. Coordenadora de projetos Instituto Quindim.

Katani Monteiro: Doutora em História. Professora e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em História e do Curso de História da Universidade de Caxias do Sul – UCS. Coordenadora do NAEH (Núcleo de Apoio ao Ensino de História) – UCS.

Artigo recebido para publicação em: 30 de setembro de 2022.

Artigo aprovado para publicação em: 10 de novembro de 2022.

Como citar:

LIA, Cristina Fortes; OLIVEIRA, Franciele de Almeida de; MONTEIRO, Katani. Trajetórias Migrantes: Jeitos de Ser e Estar no Mundo de Demba Sokhna. *Revista Transversos*. Dossiê: Imigração no Tempo Presente: Experiências de Vida e Direitos Humanos no Brasil. Rio de Janeiro, nº 26, 2022. pp. 70-90. Disponível em: <https://www.e->

publicacoes.uerj.br/index.php/transversos/article/view/70485. ISSN 2179-7528. DOI:
10.12957/transversos.2022.70485

